

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JHONYS BENTO SILVA

MÉDICO DE HOMENS E DE ALMAS:
REPRESENTAÇÕES DO EVANGELISTA LUCAS

GOIÂNIA

2023

JHONYS BENTO SILVA

MÉDICO DE HOMENS E DE ALMAS:
REPRESENTAÇÕES DO EVANGELISTA LUCAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Professor Licenciado em História / **Historiador**, conforme a Lei 14.038 de 2020.

Orientador(a): Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática de Bibliotecas da PUC Goiás

A large, empty rectangular box with a thin black border, occupying the lower half of the page. It is intended for the author to provide identification information for their work.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA


DECLARAÇÃO

Aos 04 dias do mês de Dezembro de 2023, as docentes Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento e Profa. Me. Laura Beatriz Alves de Oliveira, sob a presidência da primeira, participaram da Banca de Defesa de Monografia de Jhonys Bento Silva, discente do Curso de Licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, autor do Trabalho Monográfico intitulado:

**"Médico de homens e de almas: representações do evangelista
Lucas"**

A arguição ocorreu entre às 09h00 e 10h30 do presente dia e teve lugar à Sala 105 da Escola de Formação de Professores e Humanidades – Área 6 da PUC Goiás.

Golânia, 04 de Dezembro de 2023.



Prof. Dr. Hugo Rincon Azevedo
Coordenador do Curso de História

AGRADECIMENTOS

Nesse momento histórico, ímpar e jubiloso da minha vida, gostaria de agradecer a Jeová Shalom, o Deus da minha paz e da minha salvação. Iniciei a graduação em 2012 e depois de uma tragédia na vida pessoal, precisei pausar a minha jornada acadêmica devido a este fato traumático, mas Deus me deu uma nova oportunidade e hoje estou aqui, depois de ter vencido a ansiedade e uma depressão severa. Foram sete anos de tratamento com remédios e terapias, devido a um abuso sexual sofrido dentro da igreja. Porém, a Deus seja dada toda a honra, toda a Glória e todo Louvor, que me levantou de um poço profundo e escuro.

Gostaria de agradecer aos meus avós, os saudosos Pastor Jorge Bento Vieira e Nilza Jose Vieira (*In memoriam*), meus pais eram ainda muito jovens e em uma aventura tiveram uma gestação não planejada e inesperada, no entanto, creio que Deus já havia escrito a minha história, e nela colocado meus amados avós para cuidar de mim, pois me deram amor, afeto, educação, formaram meu caráter. Hoje eles estão no Céu, mas meus mais sinceros agradecimentos a eles, que foram os meus heróis.

Gostaria de honrar os meus pais, Leoncio Bento e Sirlei Francisca, também me ajudaram em momentos específicos da minha trajetória. Agradecer aos meus irmãos, que na verdade são primos primeiros, Higor Michel e Leticia Vieira e suas respectivas famílias, sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis, e sempre estão nos melhores momentos, obrigado meus irmãos.

E claro, hoje tenho que agradecer a minha esposa, Karine Santos, mulher guerreira, batalhadora, que me incentivou em todos esses anos para que eu pudesse voltar à graduação, a ela todo o meu amor, todo o meu respeito e carinho, a alguém que mudou e transformou a minha vida, te amo meu amor. Houve um marco temporal em minha vida, esse divisor de águas foi o nascimento de uma guerreirinha, minha amada filha Helena Bento, nascida de forma prematura, por conta de uma eclampsia de minha esposa, Helena nasceu de trinta e uma semanas, ficou internada durante dois meses na UTI Neo natal em Anápolis, realmente foi um grande milagre, depois do nascimento da Helena, fui fortalecido, através da vida da minha pequena, Deus me trouxe cura, curou meus traumas, meus medos, minhas limitações.

Em especial, gostaria de mencionar o nome de três professores de grande importância para a minha vida acadêmica, o prezado Professor Me. Ivan Vieira, que em plena pandemia no ofício de coordenador do curso de História, viabilizou o meu retorno à instituição, teve paciência com quem estava voltando depois de longos anos fora da universidade, sou grato, professor.

Meus mais profundos e sinceros agradecimentos ao grande Mestre Antônio Luiz de Souza, foi o meu orientador na primeira parte da minha Monografia, sempre foi a minha inspiração pessoal enquanto professor, confesso que hoje no âmbito de lecionar em uma escola da rede estadual de educação, reproduzo muitas coisas que vi o grande Mestre Antônio Luiz realizando em suas aulas, reproduzir no sentido de reverenciar as suas excelentes aulas, muito obrigado, mestre, o senhor é uma referência para mim.

Não poderia deixar de agradecer de forma alguma a caríssima Professora Dra. Renata Cristina Nascimento, uma lenda viva que caminha entre nós, símbolo de erudição e de conhecimento, e sem dúvidas alguém com uma luz imensa, que abrilhanta nossa instituição, ainda me recordo de uma mensagem que ela me enviou pelo Facebook, quando me deu forças me encorajando a voltar à graduação. É uma honra ter a grande professora Renata como minha orientadora, muito obrigado, amada professora.

Agradeço também a todos os meus professores e colegas de curso, de maneira direta ou indireta me ajudaram nessa grande jornada que é a graduação, em especial agradecer uma amiga que a universidade me apresentou, Bruna Santos, começamos juntos em 2012, ela acompanhou o meu drama de precisar abandonar a Universidade por problemas psíquicos, sempre me incentivou a voltar, muito obrigado maninha, assim que a chamo carinhosamente, sem você eu não teria conseguido.

Agradecer a um amado amigo, José Wilson Barcelos de Moraes, um irmão que a vida me presenteou, foi um grande incentivador para que eu retornasse aos estudos, sempre me ajudou. Agradecer a minha diretora, Karla Peixoto, que se tornou uma grande amiga, e que realizou o meu sonho de ser um professor, no amado CEFA, escola da rede estadual de educação, na cidade onde eu moro, Nova Veneza (GO), minha eterna gratidão a você Karla.

Por último quero agradecer a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, pela oportunidade, pelas bolsas sociais de incentivo a sonhadores, que sobem essas escadas

carregando em seus ombros, sonhos que pareciam impossíveis, muito obrigado. A Deus toda a honra, toda a Glória e todo o Louvor.

*Saúdam-vos Lucas,
o médico amado.*

(Colossenses 4, 14)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar duas representações de São Lucas Evangelista, uma na literatura e a outra nas artes plásticas. A primeira abordagem será a respeito do livro *Médico de Homens e de Almas – a história de São Lucas*, da escritora inglesa Taylor Caldwell. A segunda análise tem como objeto a estátua de São Lucas que compõe o conjunto dos *Evangelistas*, dos escultores brasileiros Alfredo Ceschiatti e Dante Croce, localizado à entrada da Catedral Metropolitana de Brasília. Assim, antes de partirmos para a análise das representações de São Lucas, estudamos obras de autores que abordam assuntos muito importantes na pesquisa sobre o evangelista, como as discussões a respeito do Jesus histórico, o contexto em que Cristo e depois São Lucas viveram e sobre os evangelhos em si, especialmente o terceiro, provavelmente escrito pelo médico.

Palavras-chave: São Lucas. Jesus histórico. Representações.

ABSTRACT

This work aims to analyze two representations of Saint Luke the Evangelist, one in literature and the other in visual arts. The first approach will be about the book *Doctor of Men and Souls* – the story of Saint Luke, by the English writer Taylor Caldwell. The second analysis focuses on the statue of Saint Luke that makes up the set of Evangelists, by Brazilian sculptors Alfredo Ceschiatti and Dante Croce, located at the entrance to the Metropolitan Cathedral of Brasília. Thus, before moving on to the analysis of representations of Saint Luke, we studied works by authors who address very important subjects in research on the evangelist, such as discussions about the historical Jesus, the context in which Christ and later Saint Luke lived and about the gospels themselves, especially the third, probably written by the doctor.

Keywords: Saint Luke. Historical Jesus. Representations.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CL	Colossenses
FM	Filemon
GN	Gênesis
IS	Isaías
JO	João
LC	Lucas
MC	Marcos
MT	Mateus
NT	Novo Testamento
2 TM	2ª Epístola a Timóteo

LISTA DE IMAGENS

Figura 01: As Estátuas dos Evangelistas (Alfredo Ceschiatti e Dante Croce).

Figura 02: Rosto de São Lucas Evangelista. Autor: James Marcell.

Figura 03: São Lucas Evangelista. Autor: Cassiano.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - BIOGRAFIA E HISTÓRIA	13
1.1- Em busca de Lucas: as fontes de pesquisa sobre um apóstolo singular .	13
CAPÍTULO 2 - REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS	22
2.1 – São Lucas nas fontes bíblicas	22
2.2 – São Lucas na literatura.....	28
2.2.1 - Taylor Caldwell e o romance sobre Lucas	29
2.3 - São Lucas nas artes plásticas (Brasília- DF).....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

Uma obra literária pode ser compreendida mais profundamente quando é possível saber um pouco mais sobre quem a escreveu, foi devido a este fato que surgiu o nosso interesse em pesquisar sobre São Lucas Evangelista, este é considerado o único autor gentio dentre os quatro evangelistas. O que teria despertado a atenção de Lucas para partir em buscas de informações sobre Jesus? O contexto em que São Lucas viveu e o meio social em que estava inserido são elementos repletos de lacunas e as possibilidades de pesquisa são, conseqüentemente, infinitas.

Porém, ao menos em língua portuguesa, as fontes sobre o nosso apóstolo são escassas. Entretanto, existem as diversas representações sobre São Lucas que nos são acessíveis, das quais optamos por abordar através da literatura e das artes plásticas, tendo por estudo a catedral de Brasília.

Acreditamos que pesquisar São Lucas ou como ele é representado nas obras torna possível compreender melhor sobre ele enquanto personagem histórico: um médico de origem grega que deixou relatos importantes a respeito da vida de Jesus. Esta pesquisa possui, portanto, importância inclusive nos estudos sobre o Jesus histórico, uma vez que fala de um autor que se dedicou em uma intensa busca por informações a respeito da trajetória de Cristo.

Para que esta pesquisa se realizasse, primeiramente, fizemos as leituras das fontes bíblicas atribuídas à Lucas, além de textos de historiadores, filósofos e teólogos que argumentam a respeito do Jesus histórico e debates que existem em torno da atribuição das autorias dos escritos do Novo Testamento, e das formas como a figura de Jesus já foi discutida e compreendida por autores dessas diversas áreas do conhecimento.

Os estudos sobre o Jesus histórico são fundamentais aqui, uma vez que a jornada registrada de Cristo, levando em consideração a contextualização histórica e geográfica, pode nos ajudar, em contrapartida, a compreender o apóstolo e a sua trajetória em busca de respostas sobre Jesus. Seus escritos são de caráter histórico e biográfico, contendo informações importantes sobre Cristo.

Neste sentido, pesquisar sobre o Jesus histórico hoje é partir em busca, principalmente, de obras de historiadores, filósofos e teólogos, como por exemplo, John Dominic Crossan, Gabriele Cornelli, Silvio Azevedo e Walter Lisboa. A leitura de produções dos referidos autores nos fornece a base necessária para darmos início à nossa análise das representações de São Lucas Evangelista.

A primeira fonte a ser considerada é a própria Bíblia, especialmente o terceiro evangelho e os *Atos dos Apóstolos*, livros de autoria atribuídas a São Lucas. Para tanto, utilizamos a Bíblia de Jerusalém (2002) como versão do livro sagrado. Autores como Krzysztof Bieliński, Ben Witherington III, Leon L. Morris, Casalegno, Thurston e Attwater foram fundamentais nessa etapa.

Conforme mencionamos, dentre os quatro evangelhos, o de São Lucas se destaca por ser o único escrito por um gentio. Talvez seja a origem grega de São Lucas o motivo pelo qual existem muitos escritos antigos sobre ele, de acordo com a escritora inglesa Taylor Caldwell (2022).

A nossa primeira análise sobre São Lucas Evangelista é feita a partir do livro *Médico de Homens e de Almas*, escrito por Taylor Caldwell e publicado em 1958. Para escrever este romance, Caldwell leu mais de mil livros sobre São Lucas e seu tempo e assim ela pode ter uma vasta noção contextual que lhe permitisse imaginá-lo. Conferindo personalidade ao apóstolo, a autora nos leva, a partir da ficção baseada em evidências históricas, a um cenário que nos deixa imaginar o apóstolo em sua trajetória.

Outro caminho que utilizamos para estudar São Lucas enquanto personagem histórico foi o da representação imagética, cujo objeto é a sua estátua feita em bronze pelos artistas plásticos brasileiros Alfredo Ceschiatti e Dante Croce, que faz parte do conjunto de esculturas localizado na entrada da Catedral Metropolitana de Brasília.

Assim, nosso trabalho está dividido da seguinte forma: no primeiro capítulo serão abordados aspectos biográficos e históricos, com ênfase nas fontes de pesquisa sobre São Lucas Evangelista. Desta forma, tentaremos identificar aspectos importantes do apóstolo a partir de suas obras, o evangelho e *Atos*. Sua relação com Paulo de Tarso também é mencionada uma vez que Lucas tornara-se seu discípulo.

No capítulo 2, intitulado *Representações literárias e imagéticas de São Lucas*, é que analisaremos as representações do evangelista na literatura e nas artes plásticas.

Trataremos sobre as representações literárias e imagéticas de Lucas. São Lucas Evangelista é estudado primeiramente enquanto autor, em uma abordagem sobre os evangelhos que nos permite diferenciá-los, captando aspectos singulares dos escritos lucanos.

A abordagem sobre Lucas na literatura é feita a partir do livro de Taylor Caldwell, onde levamos em consideração a vida e a obra da autora, entendendo a motivação pelo seu interesse em realizar uma longa e minuciosa pesquisa sobre São Lucas Evangelista e, ao final de vários anos de dedicação, o livro pode ser finalizado. É feita, neste sentido, uma abordagem resumida do livro, para que assim pudéssemos compreender o personagem em seu contexto. Por fim, acreditamos que abordar sobre uma obra brasileira inspirada em Lucas também é importante. Por isso escolhemos a escultura representando São Lucas, que compõe o conjunto intitulado *Os Evangelistas*, situado em Brasília (DF). Assim, nosso estudo é relevante no que diz respeito às pesquisas no campo da história do Cristianismo e na área de estudos referentes às obras que retratam personagens bíblicas.

CAPÍTULO 1 - BIOGRAFIA E HISTÓRIA

Neste capítulo abordaremos sobre Lucas com base em pesquisas historiográficas que consideramos fundamentais para compreendermos não apenas sobre o nosso personagem, mas também a respeito do contexto histórico em que ele viveu. Quem foi Lucas? Em qual meio social ele estava inserido? É possível historicizar este personagem?

1.1 . Em busca de Lucas: as fontes de pesquisa sobre um apóstolo singular

Poucas são as fontes que abordam sobre Lucas em seu tempo, especialmente em se tratando de aspectos biográficos. Ao que tudo indica, Lucas foi um cristão bastante instruído, provavelmente de segunda e terceira geração do cristianismo (ARTUSO, 2015, p. 3). No Novo Testamento ele é citado três vezes: “Em Fm 24 aparece como companheiro de Paulo. Em Cl 4,14 é chamado de ‘querido médico’. Em 2 Tm 4,11, Paulo o menciona como ‘o único que está comigo’” (ARTUSO, 2015, p. 3).

É consenso que o autor do terceiro Evangelho seja identificado com o escritor de Atos dos Apóstolos, ou seja, Lucas. Casalegno (2005, p. 23), se refere aos dois livros como sendo pertencentes a uma única obra, pois, Atos seria a continuação do Evangelho de Lucas.

Na Bíblia, em seu evangelho (Lc 1: 1-4), Lucas afirma redigir este relato ao “caríssimo Teófilo”, assim como Atos é endereçado para a mesma pessoa. No *Greek Dictionary of The New Testament*, organizado por James Strong, o verbete *Teófilo* (θεόφιλος) significa “amigo de Deus” ou Theophilus, um cristão. Para Alberto Casalegno, Teófilo era um personagem ilustre da Antiguidade que talvez tenha ajudado financeiramente Lucas em suas pesquisas e na publicação de sua obra (CASALEGNO, 2005, p. 24).

De acordo com Ben Witherington III (2005), a cultura literária da época se restringia a pequenos círculos da elite letrada do mundo greco-romano, formados por pessoas que possuíam recursos financeiros e mandavam reproduzir obras para divulgarem entre seus

amigos. Essas pessoas também possuíam tempo disponível para ler ou dinheiro para pagar alguém que as lessem em voz alta. Witherington acredita que Teófilo tenha sido, provavelmente, o patrono de Lucas, que escrevia para ele e seu grupo de amigos (Witherington, 2005, p. 20).

Ao argumentar que o estilo e o vocabulário do terceiro Evangelho e de Atos se assemelham, Leon L. Morris (1983) ressalta que:

A tradição afirma unanimemente que este autor é Lucas. É atestado pelo herege primitivo Marciom (que morreu c. de 160 d.C.; Lucas era o único Evangelho no seu cânon), no Fragmento Muratoriano¹ (uma lista dos livros aceitos como parte do Novo Testamento; usualmente sustenta-se que expressa a opinião em Roma no fim do século II), no Prólogo anti-marcionita de Lucas (que também diz que Lucas era nativo da Antioquia, que era médico, que escreveu seu Evangelho na Acaia, e que morreu aos 84 anos de idade, solteiro e sem filhos), por Irineu, por Tertuliano, por Clemente de Alexandria e por outros (MORRIS, 1983, p. 13).

Em sua obra *Vidas dos Santos*², escrita por volta de 1750, o Reverendo inglês Alban Butler se refere a Lucas como uma das personalidades históricas mais simpáticas do Cristianismo primitivo. Para o autor, Lucas era um homem de qualidades, uma vez que possuía formação literária e profundo sentimento artístico e divino. Entregou-se ao Cristianismo assim que o conheceu, na sua cidade natal, Antioquia³, se convertendo a discípulo de Paulo (THURSTON; ATTWATER, 1992, p. 191). Butler completa que todo o conhecimento médico e literário de Lucas se coloca à disposição de Paulo, e “segue-o para toda a parte, como a sombra ao sol” (THURSTON; ATTWATER, 1992, p. 191).

Apesar de não ser um dos primeiros seguidores de Jesus, e, portanto, não sendo uma testemunha ocular, Lucas era um escritor cuidadoso, um homem de cultura, que

¹ Fragmento Muratoriano ou Cânone Muratori é um importante documento provavelmente do ano de 170 de nossa era, encontrado por Ludovico Antônio Muratori (1672-1750), padre, historiador, filósofo e escritor italiano, que o publicou em 1740. Os livros que compõem tal documento são: Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos, Coríntios, Efésios, Filipenses, colossenses, Gálatas, Tessalonicenses, Romanos, Filemon, Tito, Timóteo, Judas, João, Apocalipse de João, Apocalipse de Pedro e Sabedoria de Salomão (TORQUATO, RAMOS, 2020, p. 7).

² Utilizamos aqui a versão de organização de Hebert J. Thurston e Donald Attwater, traduzida para o português por Atílio Brunetta e publicada pela Editora Vozes, em 1992.

³ Antioquia, cidade pertencente à antiga Síria, hoje situada em território turco e também conhecida como Antakya. Fora uma cidade importante nos primórdios do Cristianismo.

pesquisou evidências a partir de pessoas que efetivamente seguiram Cristo em vida (MORRIS, 1983, p. 14). Paulo se refere a Lucas como “o querido médico” (Cl 4: 14), que, de acordo com Alban Butler, esteve consigo nas duas vezes em que fora preso em Roma. Lucas ajudava Paulo em seu apostolado e ainda o curava de seus padecimentos corporais. Quando esteve preso em 67, pouco antes de seu martírio escreve a Timóteo, contando que Lucas era o seu único companheiro na prisão, pois os outros haviam o abandonado (THURSTON; ATTWATER, 1992, p. 193).

Na tentativa de estudar sobre o Jesus histórico, Lucas se faz, portanto, uma das fontes mais importantes, uma vez que:

Lucas faz questão de historicizar o evento Cristo. Os relatos são descritos de forma contextualizada, com personagens, datas e testemunhas. Por exemplo, Lucas é o único evangelista a dizer que a Ascensão acontece quarenta dias após a ressurreição. Assim, grandes períodos litúrgicos do calendário de muitas Igrejas são organizados de acordo com a obra lucana (MOREIRA, 2004, n.p.).

Nesta pesquisa é indispensável discutirmos a respeito do Jesus histórico, sem dúvida um dos temas mais complexos dos estudos do Novo Testamento. Devido ao fato de que as fontes não foram escritas por Jesus, mas sim por indivíduos que supostamente o conheceram, a natureza não autográfica dos textos passaram a ser questionadas por estudiosos europeus, que começaram a pesquisar a história de Cristo sob uma perspectiva secular (AZEVEDO, s. d., p. 1-2).

John Dominic Crossan (2006) compreende o termo “Jesus histórico” por “a melhor reconstrução atual da vida daquele indivíduo dentro dos procedimentos aceitos do estudo histórico” (CROSSAN, 2006, p. 166). Crossan (2006) faz esta afirmação ao tratar de questões metodológicas envolvendo o estudo do personagem Jesus na historiografia. De acordo com Gabriele Cornelli (2006), as pesquisas com o objetivo de determinar a figura de Jesus surgem na época do Iluminismo, no século XVIII. No entanto, o filósofo e ensaísta alemão Hermann Samuel Reimarus (1694-1768) é, por sua vez, considerado o pioneiro na busca pelo Jesus histórico. Reimarus era orientalista e em seus escritos se propôs a demonstrar a descontinuidade que existiria entre o “Cristo da fé” e o “Jesus da História”. Assim, “o Jesus histórico não seria um messias religioso, mas segundo a

esperança judaica do tempo, um libertador político na linha messiânica davídica” (CORNELLI, 2006, p. 17).

Assim, podemos buscar as reflexões sobre o Jesus histórico partindo do ponto de vista dos iluministas, como por exemplo, de Hermann Samuel Reimarus, que Azevedo reitera: “foi o primeiro a fazer a distinção entre o Jesus da história e o Cristo da Igreja, dando início à leitura crítica do NT que se seguiu” (AZEVEDO, s. d., p. 2). Desta forma, foram surgindo imagens de Jesus não como um ser divino, mas como um humano, secularizado, que não realizava milagres, mas era um mestre de ética ou um profeta escatológico (AZEVEDO, s. d., p. 2-3). Posteriormente essa imagem de Jesus como um mestre de ética foi desconsiderada pelo teólogo alemão Rudolf Karl Bultmann (1884-1976), que defendia que a sua mensagem em nada se diferenciava do Judaísmo da época (AZEVEDO, s. d., p. 3).

R. K. Bultmann foi o responsável por analisar as tradições dos evangelhos segundos as suas formas (Crítica das Formas⁴). As várias formas dessas tradições relacionavam-se às necessidades da igreja primitiva, consistindo na pregação missionária, nos debates com opositores, nos cultos, na instrução da catequese etc. Os primeiros seguidores de Cristo possuíam apenas tradições que eram fundamentais para a sua vida de fé (LISBOA, 2001, p. 58).

Lisboa (2001) ressalta que alguns críticos das formas acreditaram que era possível reconstruir as formas primitivas dessas tradições, mas não mostravam interesse em tentar reconstruir a vida de Jesus ou os seus ensinamentos originais. Teologicamente, conforme a pesquisa histórica das religiões, Jesus pertence ao judaísmo, pois o cristianismo só se inicia com a Páscoa. Assim, Bultmann concluiu que o ensino de Jesus carece de significado nos estudos teológicos. Entretanto, ele afirmou que a cristologia pós-pascal está de alguma maneira presente no chamado pré-pascal de Jesus à decisão. Este foi o ponto de partida para seus seguidores colocarem novamente a questão do Jesus histórico (LISBOA, 2001, p. 58).

⁴ A Crítica das Formas é o método de crítica bíblica que busca classificar unidades de escrituras em padrões literários como por exemplo, poemas de amor, parábolas, ditos, elegias, lendas, etc., e que tenta rastrear cada tipo até seu período de transmissão oral. O objetivo, portanto, é determinar a forma original e a relação da vida e do pensamento da época com o desenvolvimento da tradição literária (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. 2023. Encyclopedia Britannica Online. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/biblical-criticism>).

Azevedo (s. d.) faz uma observação importante sobre as reflexões a respeito do Jesus histórico:

O modo de pensar semítico cria dificuldades em vários níveis ao projeto do Jesus histórico. Primeiro, porque quando redigiram seus evangelhos adotaram cada um deles apenas aspectos de uma rica tradição de Jesus, sem catalogá-la ou classificá-la. O evangelho de João diz no epílogo do livro que além das coisas aí escritas havia muitas outras e que nem no mundo inteiro caberiam os livros que se ocupassem em relatá-las (Jo 21: 25). Em segundo lugar, não foi interesse dos evangelistas e redatores destacar claramente na história de Jesus suas próprias ênfases teológicas; tudo ficou misturado para atender à apologética e à pregação (o material primário legitimando o secundário). E em terceiro lugar, nenhum dos evangelistas se propôs a escrever a história completa ou total de Jesus (AZEVEDO, s. d., p. 6).

Para John Dominic Crossan (1994), a pesquisa sobre o Jesus histórico foi considerada inviável por diversos historiadores, devido aos problemas históricos, e criticada por teólogos devido a possibilidade de trazer objeções de ordem teológica (CROSSAN, 1994, p. 26). Entretanto, os estudos sobre o assunto foram aumentando ao longo dos anos, tendo sido feitos por inúmeros pesquisadores competentes que conseguiram produzir pesquisas variadas em torno da figura de Jesus.

Um exemplo será o bastante para ilustrar essa questão. O discurso que Daniel J. Harrington⁵ fez ao tomar posse do cargo de presidente da Catholic Biblical Association na Universidade de Georgetown, no dia 6 de agosto de 1986, foi publicado tanto na sua versão original (1987a), quanto numa versão “adaptada e ampliada” (1987b). Nesta edição, ele apresenta “uma breve descrição das sete imagens diferentes de Jesus criadas por vários estudiosos nos últimos anos. As diferenças dizem respeito aos diversos ambientes judaicos que servem como pano de fundo para as suas concepções do Jesus histórico” (36). Há o Jesus enquanto revolucionário político de S. G. F. Brandon (1967); enquanto mago, segundo Morton Smith (1978); enquanto um rabino da Galileia, segundo Bruce Chilton (1984); enquanto um hillelita ou proto-fariseu, segundo Harvey Falk (1985); enquanto um essênio, também segundo Harvey Falk (1985); e enquanto um profeta escatológico, segundo E. P. Sanders (1985) (CROSSAN, 1994, p. 26-27).

⁵ Daniel J. Harrington (1940-2014) foi um padre jesuíta americano, professor do Boston College e do Weston Jesuit School of Theology, especialista no Novo Testamento.

Assim, é possível compreender a complexidade do tema, mas também as várias possibilidades de abordagens, que envolvem estudos especialmente nos campos histórico e teológico. Percebemos, portanto, o quanto é importante a qualidade das fontes que utilizamos em nosso trabalho, conforme ressalta Lisboa (2001), assim como a pertinência das questões que fazemos no início da pesquisa, para conseguirmos obter informações na tentativa de compreender o Jesus histórico.

Em nossa pesquisa escolhemos trabalhar com o Evangelho de Lucas, médico proveniente da cidade grega de Antioquia, responsável também pela escrita do livro de Atos e companheiro missionário de Paulo. Escolhemos a obra de Lucas por ser ele pertencente à cultura grega antiga e, conseqüentemente, por seu estilo literário helenístico, que, portanto, é distinto dos outros três evangelhos. O Evangelho de Lucas é metódico, pessoal e detalhista, rico de informações importantes e exclusivas, embora não tenha conhecido Jesus pessoalmente, não sendo, portanto, uma testemunha ocular. A sua busca pela verdade, provavelmente inspirado pela filosofia de sua terra natal, faz de sua obra algo bastante peculiar que nos despertou a atenção.

O estilo e a linguagem do Evangelho de Lucas pertencem ao mundo helenístico e é a esse mundo que o autor pretende apresentar Jesus, seus ensinamentos e suas obras. Ao contrário de outros Evangelhos, no de Lucas o autor se manifesta de forma pessoal com um “eu”, expondo sua pretensão literária através de um prefácio no seu primeiro livro que é o Evangelho e no seu segundo livro, os Atos dos Apóstolos (MARGUERAT, 2009, p. 107; BOVON, 2005, p. 39 *apud* ARTUSO, 2015, p. 2). Sobre as aparições do autor no NT, Artuso (2015) ressalta que:

No Novo Testamento, mencionam-se três vezes o personagem Lucas. Em Fm 24 aparece como companheiro de Paulo. Em Cl 4,14 é chamado de "querido médico". Em 2Tm 4,11, Paulo o menciona como "o único que está comigo". Segundo Spinetoli, é possível que a atribuição do terceiro evangelho a Lucas teve a finalidade de dar credibilidade apostólica à obra recorrendo a um personagem conhecido da Igreja primitiva. O mesmo deve ter ocorrido por exemplo com a carta aos Efésios, 1 e 2 Timóteo, atribuídas a Paulo após a sua morte e as cartas de Pedro escritas por volta do ano 100 atribuídas ao apóstolo Pedro (ARTUSO, 2015, p. 3).

Não sabemos exatamente quando o Evangelho de Lucas foi escrito, mas a hipótese tradicional defende que foi produzido entre 60 e 70, afirmação com base nos

testemunhos de Irineu e Jerônimo. A crítica moderna sugere que a data mais provável seja entre 85 e 90. O teólogo alemão Werner Georg Kümmel indica o espaço de composição do Evangelho entre 70 e 90. O texto foi escrito, ao que parece, em uma cidade grande, fora da região palestina, carregada por aspectos culturais gregos e relacionada com a estrutura do império romano. Estudiosos defendem que pode ter sido em Cesaréia, Acaia, Decápole, Ásia Menor Roma ou a própria Antioquia (ARTUSO, 2015, p. 3-4).

Artuso (2015) também faz menção importante às testemunhas do Evangelho de São Lucas, pois este:

dispõe de testemunhas de viva voz (cf. Lc 1,1-4). Entre as fontes, destacam-se a do grupo das mulheres que seguem o Senhor: Maria de Magdala, Joana, Susana e outras (cf. Lc 8,1-3); Maria e Marta, irmãs de Lázaro, sempre solícitas em receber o Senhor (cf. Lc 10,38-42); a pecadora anônima de Jerusalém (cf. Lc 23,27-31); e aquelas que presenciaram a crucifixão e as testemunhas da ressurreição (cf. Lc 23,55-24,11). Dentre todas destaca-se Maria, a mãe de Jesus que guardava todas as coisas meditando-as em seu coração (cf. Lc 2,19.51). Além dessas vozes, o autor serviu-se de fontes escritas principalmente o Evangelho de Marcos. O autor utilizou alguns trechos de Marcos, dando-lhes a marca de seu estilo, de suas preferências espirituais, de seu caráter mais culto e mais fino (ARTUSO, 2015, p. 4).

Existem, entretanto, trechos que são exclusivos do Evangelho de Lucas, em especial os que se referem a infância de Jesus (cf. Lc 1-2) em que Maria possui grande destaque, sendo a personagem principal, e a longa viagem de Jesus à Jerusalém (cf. Lc 9,51-18,14) (ARTUSO, 2015, p. 4).

Em relação aos estudos do Evangelho de Lucas na atualidade, o teólogo e professor estadunidense Joel B. Green afirma que a pesquisa dessa obra tem seu ponto de partida com os escritos de Hans Conzelmann, no século XX. Green ressalta que mesmo o seu ponto de vista tendo sido derrubado por novas interpretações, o trabalho de Conzelmann abriu caminho para o que seria a primeira composição e análise crítico-literária de Lucas. Além de Conzelmann, os trabalhos de Günther Bornkamm e de Hans-Georg Gadamer também são igualmente relevantes (ARAÚJO, 2012, p. 76).

As interpretações atuais a respeito dos evangelhos também precisam ser minuciosamente analisadas, se concordarmos com as argumentações de Joel B. Green, pois:

relevante é ainda a reflexão sobre o pós-modernismo, que além de desafiar as noções de classificação e definição, tem por característica o reconhecimento de múltiplos interesses que influenciam os limites interpretativos da Bíblia, a qual pode ser entendida como um agregado de vários gêneros: narrativa histórica, poesia, cartas, oráculo profético, apocalipse etc. (ARAÚJO, 2012, p. 77).

Green (2010 *apud* ARAÚJO, 2012, p. 77) chama a atenção para a variedade de formas literárias da Bíblia que levam a um pluralismo correspondente de interpretações, além dos vários contextos em que a leitura do livro é realizada, pois comportam uma multiplicidade de abordagens metodológicas. O autor defende que essas várias interpretações possíveis precisam ser expandidas, não devendo ficar restritas ao âmbito acadêmico ou da igreja (ARAÚJO, 2012, p. 77).

Outro ponto ressaltado por Green é em relação ao método, e assim, Araújo pontua:

Por que deveríamos estar interessados no método? Pergunta o editor, assegurando que os interesses surgem devido à natureza dos materiais bíblicos, e acrescenta também os interesses variados e as necessidades dos leitores da Bíblia. Para Green, se tal situação tem potencial para gerar uma cacofonia de leituras, o método pode ser então uma forma de trazer um pouco de disciplina ao trabalho interpretativo. Ele acredita que os que se dedicam à leitura disciplinada da Bíblia não podem se considerar observadores neutros de um objeto textual, pois trazem seus motivos e suas histórias culturais (ARAÚJO, 2012, p. 77).

De acordo com Krzysztof Bieliński (2020), o teólogo alemão Gerd Theissen reconhece três categorias centrais a respeito da ética de Jesus, sendo elas: a da conversão, a da misericórdia e a do seguimento. Para Bieliński (2020), na ética da conversão no seguimento de Jesus possuem destaque três características: a independência da conversão do batismo, de qualquer ato ritual, uma vez que Jesus Cristo não batizou; “a concessão de um espaço de tempo para demonstrar eticamente a própria conversão (cf. a parábola da figueira estéril: Lc 13,6-9)”; a confiança na disponibilidade

dos seres humanos à conversão. Finalmente, para Jesus os pagãos igualmente estão em condição de se converterem (BIELIŃSKI, 2020, p. 40-41).

Também é importante considerarmos que, para além da possibilidade de conversão universal, o evangelho lucano possui uma característica singular no que diz respeito aos principais destinatários da mensagem de salvação, que são os pobres, os excluídos e os pecadores, que devem receber o anúncio da Boa Nova (BRITO; ALMEIDA, 2019, p. 363). Apresenta-se, neste sentido, como “um evangelho da alegria, do anúncio da salvação para os pobres, escrito de maneira clara, ordenada, com uma preocupação de seriedade histórica” (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 11 *apud* BRITO; ALMEIDA, 2019, p. 363).

As peculiaridades do estilo literário de São Lucas Evangelista, assim como a sua origem e interesses específicos são os fatores que nos despertaram a atenção para este estudo e nos fizeram escolher alguns aspectos a serem analisados a respeito de algumas representações atuais do apóstolo, pontos que serão abordados no próximo capítulo e seus subitens.

CAPÍTULO 2 - REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS

Neste capítulo analisaremos algumas representações de São Lucas, a saber, na literatura e nas artes plásticas. Uma delas é referente ao livro *Médico de homens e de almas: a história de São Lucas* de Taylor Caldwell e as *Estátuas dos Evangelistas*, do artista brasileiro Alfredo Ceschiatti, na Catedral Metropolitana de Brasília.

2.1. São Lucas nas fontes bíblicas

Segundo a teologia cristã, Jesus Cristo era o filho de Yahweh, o Deus de Israel. Em sua obra como messias terreno algumas atribuições estavam sobre os seus ombros, como por exemplo: curar, pregar as boas novas de salvação, operar sinais miraculosos e prodígios (Is, 9,6).

Um dos maiores segredos do povo judeu, está na sua educação continuada, uma tradição oral, hereditária, repassada de pai para filho, a lei da primogenitura era respeitada e gerava a continuidade nacional do povo judeu. Em geral, o primeiro filho da família sendo homem, tinha a responsabilidade de estudar a Torá sagrada, o livro da Lei de Moisés, dos cinco aos doze anos de idade. O primogênito da família estudava o Pentateuco, com o objetivo de decorar as palavras, as frases, todos os cinco livros que constituíam o Pentateuco mosaico. Entre os treze e os quatorze anos de idade, o jovem judeu passava por um ritual chamado Bar – Mitzvá (Filho da lei ou Filho do mandamento)(Gn 25, 19-37), essa passagem da maioridade religiosa era acompanhada por um teste com o menino judeu, acompanhado por setenta doutores da lei de Moisés, em que os anciãos doutores da lei sagrada faziam perguntas ao jovem, indagações precisas de localizações dentro dos livros sagrados, cujo intuito do grande teste era saber se o jovem tinha aptidão para se tornar um mestre das escrituras sagradas.

O Farisaísmo foi uma das quatro grandes divisões dentro do Judaísmo. Os fariseus, os essênios, os zelotes e os saduceus eram as quatro etnias religiosas do povo judeu. O Fariseu era conhecido como mestre da lei de Moisés, doutor do Pentateuco. O jovem aspirante a Rabi (Rabi em hebraico significa mestre) precisava saber com precisão

todos os versículos, frases e textos sagrados (Lc 10, 30-35). Os Essênios, eram um grupo de pessoas que viviam nos desertos e nas cavernas, grupo social que se abstiveram da vida em sociedade urbana. Os saduceus eram uma etnia religiosa cética, não acreditavam em anjos, demônios, não acreditavam na vida após a morte, não acreditavam no transcendental. O último grupo social na divisão do Judaísmo antigo foram os Zelotes, esse grupo por sua vez, era ligado e vinculado às questões políticas, e tentaram aclamar Jesus Cristo como rei, na tentativa de retirar o Império Romano do poder.

Conforme a tradição, os judeus, também conhecidos como hebreus, são considerados descendentes do patriarca Abraão, do qual Yahweh constituiu sua primeira aliança. A aliança abraâmica constitui um pacto do Deus dos Hebreus com o pai da fé, Abraão, a primeira aliança, ou o Antigo Testamento, que compreende dos livros canônicos de Gênesis a Malaquias.

Na tradição cristã a aparição do Anjo Gabriel para Maria, mãe de Jesus de Nazaré, tem um significado muito importante (Lc 1, 26-38). Como toda criança é concebida através de uma relação sexual, o grande mistério do nascimento de Jesus se refere ao fato de que Ele foi gerado, segundo a Bíblia, não pela conjunção carnal, mas sim pela visita do Espírito Santo, que desceu sobre Maria, desposada e virgem. Essa manifestação tem uma explicação religiosa que encontramos em Gênesis, o primeiro livro escrito por Moisés:

Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus,

entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar (Gn 3, 1-15).

As narrativas de todos os evangelistas, inclusive o evangelho Lucano, menciona a visita do Anjo Gabriel a Maria, na intenção de dizer que ela, era considerada a segunda Eva. Se Eva destituiu o homem do Jardim do Éden, e o primeiro Adão foi o responsável pela entrada no mundo do pecado e da morte, Maria é símbolo da segunda Eva, que deu à luz a um filho, descrito pelo apóstolo Paulo como o segundo Adão, que teria poder e autoridade para pisar na cabeça da serpente, animal símbolo do Diabo, e que se pelo primeiro Adão entrou no mundo o pecado e a morte, pelo segundo Adão, Jesus O Cristo, veio ao mundo a salvação e a vida eterna. Assim, todos os seres humanos nascidos após a queda do homem, ou seja, de Adão e Eva, eram frutos de pecado e sinônimos de queda, a tendência do homem pelo pecado, pela queda, natureza terrena adâmica. Por essa razão, Jesus Cristo não foi oriundo de uma relação carnal entre um homem e uma mulher, pois se Ele tivesse sido concebido desta forma, daria continuidade ao pecado, à queda humana e ao declínio da natureza caída. Jesus Cristo foi gerado pela visita do Espírito Santo, que desceu sobre Maria, e após isso ela ficou grávida, interrompendo, assim, a linhagem do primeiro Adão e originando o tempo do Messias, judeu, descendente de Davi, da tribo de Judá, rei prometido ao povo judeu, filho de uma dona de casa e de um carpinteiro, chamado José (Mt 1).

Segundo a tradição judaico-cristã, o nascimento e a vida de Jesus Cristo tem três aspectos: nascimento miraculoso; vida miraculosa de um homem que viveu sem cometer pecado; e o homem que venceu o inimigo mais temido da humanidade, a famosa Morte. Jesus é descrito em quatro livros canônicos, conhecidos como Evangelhos originários: Mateus, Marcos, Lucas e João. Cada evangelho traz consigo características messiânicas

de Jesus. O primeiro a ser escrito foi o livro de Marcos, mais conhecido como João Marcos, judeu que viveu nos grandes círculos romanos. Este livro deu a base para os outros dois evangelhos sinópticos, que relatam os mesmos acontecimentos, destinados a povos diferentes: são os evangelhos de Mateus e de Lucas. O evangelho de João, por sua vez, é tido como um evangelho à parte dos outros três. Seguindo a ordem da Bíblia, o primeiro Evangelho é o de Mateus, que descreve Jesus junto ao seu povo materno, os judeus. A obra é uma ponte entre o Antigo e o Novo Testamento, uma aliança de Abraão e de Jesus Cristo, em que Mateus se refere a Jesus como o rei prometido aos judeus.

Mateus inicia o seu evangelho fazendo a genealogia de Jesus, desde Abraão. Em seguida, ressalta: "Portanto, o total das gerações é: de Abraão até Davi, quatorze gerações; de Davi até o exílio na Babilônia, quatorze gerações; e do exílio na Babilônia até Cristo, quatorze gerações" (Mt 1, 17). Adiante em sua narrativa, Mateus relata alguns detalhes sobre o nascimento de Cristo enquanto rei: "Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: "Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos a sua estrela no seu surgir e viemos homenageá-lo"(Mt 2, 1-2).

Já no evangelho de Marcos, o autor traz características de Jesus aos romanos, por isso o evangelho escrito por ele é o menor dos quatro, pois foi escrito para um povo militar.

O terceiro evangelho, o mais importante em nosso trabalho, é o escrito segundo o único gentio que escreve no cânon sagrado, evangelho de Lucano, conhecido por Lucas, um famoso médico grego que escreve aos gregos, trazendo Jesus como homem inteligente e que alcançou plenitude.

Por fim, o quarto evangelho é escrito pelo apóstolo João, irmão de Tiago, ambos pescadores que possuíam uma empresa de pescas nos tempos de Jesus. João era o mais jovem dos apóstolos e muito amado por Jesus, costumava reclinar sua cabeça no peito esquerdo dele. O evangelho de João retrata a divindade de Cristo. Estes últimos não trazem muitas informações sobre a infância de Jesus, elementos mais precisos são descritos nos evangelhos sinópticos, onde se fala da perseguição do rei Herodes e a fuga de Maria e José para o Egito com o Menino. O jovem messias teve, conforme as fontes dos evangelistas, uma vida normal nos seus primeiros anos de vida. Assim como

mencionamos anteriormente, havia a importância da educação do primeiro filho, e como Jesus era o primogênito de Maria e José, tinha a responsabilidade de, a partir dos cinco anos de idade, ingressar em uma escola rabínica e aprender a Torá sagrada. Uma famosa festa judaica apresenta o jovem messias aos fariseus, doutores da lei sagrada, o Bar – Mitzva, era realizado entre os treze e quatorze anos de idade, mas com o jovem messias, Jesus Cristo, o teste foi realizado aos doze anos de idade.

E o menino crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele. Ora, todos os anos iam seus pais a Jerusalém à festa da páscoa; E, tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa. E, regressando eles, terminados aqueles dias, ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o soube José, nem sua mãe. Pensando, porém, eles que viria de companhia pelo caminho, andaram caminho de um dia, e procuravam-no entre os parentes e conhecidos; E, como o não encontrassem, voltaram a Jerusalém em busca dele. E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os. E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas. E quando o viram, maravilharam-se, e disse-lhe sua mãe (Lc 2, 40-48).

A páscoa, primeira festa judaica que foi oficializada quando o povo hebreu ainda estava no Egito, sintetizava a passagem do anjo da morte pelo Egito, e com a consequente libertação dos escravos hebreus pelo faraó, a festa tradicionalmente acontecia entre os meses de Março e Abril. Foi justamente nessa famosa festa tradicional, que Jesus foi apresentado aos Setenta rabinos, fariseus, mestres da lei sagrada que ficaram espantados com tamanha sabedoria que saía dos lábios de um jovem de aproximadamente doze anos de idade.

O evangelho segundo Mateus fornece uma narrativa de textos longos e descrições dos costumes judaicos, trazendo elementos que provam que Jesus de Nazaré era realmente o rei prometido aos judeus. A genealogia de Jesus descrita por Mateus é a genealogia dos homens: Jesus Cristo filho de Abraão o pai da fé, primeira aliança, Jesus filho de Davi, um homem segundo o coração de Deus e que sob sua descendência havia um juramento de jamais faltar um sucessor ao trono. O evangelho escrito por Mateus evidencia a proclamação de Jesus, esse episódio foi marcado por dois personagens

importantes do Novo Testamento, um pregador chamado João Batista e Jesus Cristo. O encontro entre os dois aconteceu no rio Jordão, onde Jesus foi batizado por João. Depois do batismo, o Espírito Santo em forma corpórea de pomba pousou sobre a cabeça de Jesus e uma voz do céu disse: “Este é meu filho amado em quem me comprazo” (Mt 3, 17). Depois desse acontecimento a vida de Jesus nunca mais foi a mesma, e o mundo também nunca mais foi o mesmo. No livro de Mateus, no capítulo quatro, há uma informação muito importante: o mesmo Espírito Santo que desceu sobre Maria, mãe de Jesus, o levou para o deserto, para ser tentado pelo Diabo. No deserto Jesus jejuou por quarenta dias e quarenta noites, segundo o evangelista, e venceu o pecado, a tentação e o Diabo. Voltando Jesus do deserto, tínhamos então o início do ministério de Cristo, o salvador messiânico. Jesus chamou na encosta da praia os três primeiros apóstolos, Pedro, Tiago e João, Jesus era sempre acompanhado por três classes de pessoas, os apóstolos originalmente composto por doze homens incluindo Judas Iscariotes (que posteriormente o traiu), os discípulos e as multidões (teologicamente “multidão” referia-se a um grupo de cinco mil pessoas, geralmente contando somente homens, pois com mulheres e crianças esse número chegava de dez a quinze mil pessoas), que sempre acompanhavam Jesus para o ver pregar.

E os apóstolos ajuntaram-se a Jesus, e contaram-lhe tudo, tanto o que tinham feito como o que tinham ensinado. E ele disse-lhes: Vinde vós, aqui à parte, a um lugar deserto, e repousai um pouco. Porque havia muitos que iam e vinham, e não tinham tempo para comer. E foram sós num barco para um lugar deserto. E a multidão viu-os partir, e muitos o conheceram; e correram para lá, a pé, de todas as cidades, e ali chegaram primeiro do que eles, e aproximavam-se dele. E Jesus, saindo, viu uma grande multidão, e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor; e começou a ensinar-lhes muitas coisas. E, como o dia fosse já muito adiantado, os seus discípulos se aproximaram dele, e lhe disseram: O lugar é deserto, e o dia está já muito adiantado. Despede-os, para que vão aos lugares e aldeias circunvizinhas, e comprem pão para si; porque não têm que comer. Ele, porém, respondendo, lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram-lhe: Iremos nós, e compraremos duzentos dinheiros de pão para lhes darmos de comer? E ele disse-lhes: Quantos pães tendes? Ide ver. E, sabendo-o eles, disseram: Cinco pães e dois peixes. E ordenou-lhes que fizessem assentar a todos, em ranchos, sobre a erva verde. E assentaram-se repartidos de cem em cem, e de cinquenta em cinquenta. E, tomando ele os cinco pães e os dois

peixes, levantou os olhos ao céu, abençoou e partiu os pães, e deu-os aos seus discípulos para que os pusessem diante deles. E repartiu os dois peixes por todos. E todos comeram, e ficaram fartos; E levantaram doze alcofas cheias de pedaços de pão e de peixe. E os que comeram os pães eram quase cinco mil homens (Mc 6, 30-44).

Retomando o terceiro evangelho, é importante ressaltar que este se trata de uma história teológica e que a forma como foi escrito é diferente dos demais devido a origem e trajetória diferente de Lucas em relação aos demais evangelistas. De acordo com Brito e Almeida (2021), o evangelho segundo Lucas encontra-se no terceiro estágio da cadeia de transmissão, depois das testemunhas oculares e após as primeiras pessoas a recolher recordações em forma de história contínua a respeito de Jesus (BRITO; ALMEIDA, 2021, p. 363).

O estilo literário de São Lucas é a de um escritor ordenado, que possui clareza e sensibilidade artística. Assim, ao leitor fica a impressão de que Lucas, mesmo sendo cristão e escrevendo para cristãos, “tenha tentado apresentar ao público um livro que pudesse aparecer com dignidade e crédito entre as obras de caráter histórico e literário do seu tempo” (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 21 *apud* BRITO; ALMEIDA, 2021, p. 364).

2.2 . São Lucas na literatura

A escritora inglesa Taylor Caldwell escreveu um romance sobre Lucano, uma versão interessante sobre a vida do apóstolo que foi traduzida e publicada na língua portuguesa. Na narrativa de *Médico de Homens e de Almas: a história de São Lucas*, Caldwell dá personalidade ao apóstolo, inserindo este em seu contexto histórico e cultural, o que nos permite imaginar um cenário onde o médico convertido ao cristianismo e obstinado em encontrar Deus, viveu. Neste capítulo abordaremos sobre a autora e seu interesse pela história de Lucas, para que depois possamos dialogar a respeito do livro em si. Escolhemos esta narrativa por sua grande popularidade no Brasil, influenciando o conhecimento sobre o evangelista.

2.2.1. Taylor Caldwell e o romance sobre Lucas

“Este livro pode não ser o melhor do mundo, mas foi escrito com amor e devoção pelo nosso próximo, e assim é entregue finalmente em vossas mãos, pois que ele se relaciona com toda a humanidade.”⁶

Taylor Caldwell, 1958

Janet Miriam Taylor Holland Caldwell foi uma escritora inglesa nascida em Manchester, no ano de 1900. Viveu desde criança nos Estados Unidos, onde morreu, em 1985. Aos seis anos de idade já mostrava o seu talento para a escrita, ganhando uma medalha de ouro por ter escrito um ensaio sobre Charles Dickens, antes mesmo de se mudar para os EUA com sua família em 1907 (MCDOWELL, 1981).

Taylor conta no prefácio de *Médico de Homens e de Almas: a história de São Lucas* que desde sua primeira infância Lucano, “o grande apóstolo”, obcecou sua mente (TAYLOR, 2022, p. 5). Aos doze anos de idade encontrou um livro que despertara muito o seu interesse sobre São Lucas. A obra havia sido escrita por uma freira que vivia em Antioquia e que contava muitas lendas sobre Lucas, histórias que não constavam nem na Bíblia e nem em outros livros. “A autora narrava as lendas e algumas obscuras tradições a respeito de Lucano, incluindo os muitos milagres, de início desconhecidos para ele próprio, que realizou antes de ir para a Terra Santa” (TAYLOR, 2022, p. 6). Essas histórias eram provenientes, especialmente, do Egito e da Grécia, e foram incluídas neste romance sobre Lucas que Taylor escreveu.

Entre os anos de 1918 e 1919, Taylor serviu a Reserva Naval dos Estados Unidos. Ela precisou adiar a carreira de escritora, uma vez que houve a necessidade de trabalhar em tempo integral como estenógrafa no Tribunal do Departamento de Trabalho do Estado de Nova York em Buffalo, enquanto tinha aulas à noite na Universidade de Buffalo

⁶ Prefácio de *Médico de Homens e de Almas*, 1958.

(KAVANAGH, s.d.). Sendo assim, ela conseguiu publicar seu primeiro romance somente aos 38 anos de idade, sete anos após se graduar. Entretanto, este seu livro inicial, *A dinastia da morte* (1938), romance sobre a indústria de munições, fora um sucesso de vendas, o que impulsionou a carreira da autora (MCDOWELL, 1981).

Dentre suas obras traduzidas para a língua portuguesa estão: *A dinastia da morte* (1938), *Médico de Homens e de Almas: a história de São Lucas* (1978), *O grande amigo de Deus: a história de São Paulo* (2020), *Os servos de Deus* (1990), *Um pilar de ferro* (1981), *A Terra de Deus* (2013) e *O momento da verdade* (1952). Ao todo, Taylor publicou mais de 40 livros, sendo uma escritora premiada, pois durante sua carreira, vendeu mais de 30 milhões de cópias. Recebeu importantes prêmios, como a medalha de ouro da *National League of American Pen Women*, em 1948, o *Buffalo Evening News Award*, em 1949 e o *Grand Prix Chatvain*, em 1950 (KAVANAGH, s.d.).

“Ela escreve como um computador”, disse em certa ocasião um advogado conhecido de Taylor, Arnold Weiss, para ela e Mr. Prestie, seu quarto esposo. Nossa autora possuía o hábito de acordar por volta das 17h, e quando estava pronta para escrever, permanecia trancada em seu quarto até as 8h do dia seguinte. Digitava até 20 páginas por noite, sem reescrever (MCDOWELL, 1981).

Para escrever *Médico de Homens e de Almas*, Taylor levou quarenta e seis anos, sendo que a primeira versão da obra foi escrita quando ela possuía doze anos de idade, a segunda versão, aos vinte e dois, e a terceira, aos vinte e seis. Durante todo esse tempo não parou de trabalhar nesta obra, até que conseguiu finalizá-la aos cinquenta e oito de idade, após ter visitado a Terra Santa em 1956 com seu segundo esposo, Marcus Reback, que lhe deu assistência para escrever o livro.

Além de seus famosos romances, Taylor publicou um livro sobre suas memórias, em 1971, intitulado *On Growing Up Tough: an irreverant Memoir*, porém, ainda encontra-se sem tradução para a língua portuguesa. Outro detalhe importante a mencionar sobre a nossa autora é o fato de que, além de publicar diversos livros em seu próprio nome, utilizou também pseudônimos, tendo publicado como Max Reiner ou Marcus Holland (MCDOWELL, 1981).

Como pudemos ver, Taylor dedicou grande parte de sua vida a esse romance sobre Lucano, e percebemos que esta obra é resultado de inúmeras pesquisas, assim

como ela mesma afirma, pois junto ao seu esposo Marcus Reback leu mais de mil livros sobre o apóstolo e seu tempo (TAYLOR, 2022, p. 6). Existem poucos vestígios a respeito dos autores dos evangelhos, tanto que não se sabe a respeito do nascimento ou da formação de cada um deles. Mas, a respeito de São Lucas, onde faltam as informações Taylor preencheu com ficção baseada em lendas e outras histórias contadas por, especialmente, padres dos primeiros séculos tanto de Antioquia, quando do Egito e regiões da Grécia.

A narrativa de *Médico de Homens e de Almas: a história de São Lucas* começa ainda na infância de Lucano, quando este possuía dez anos de idade. O futuro médico e autor do terceiro evangelho vivia com seus pais, Eneias e Íris, ambos escravos libertos que haviam servido o tribuno⁷ Prisco e sua esposa Antônia. Eneias e Íris tiveram o casamento presidido por Prisco e Antônia, que lhe concederam muitos presentes, dentre eles, o principal: a liberdade. Eneias continua a servir o tribuno, mas como funcionário assalariado.

Na altura em que a narrativa se inicia, Eneias ainda serve a família de Prisco, no entanto, morto o seu senhor, passa a responder as ordens de Diodoro, herdeiro e novo tribuno. Diodoro era casado com Aurélia e tinha uma filha criança, Rúbria, cuja saúde sempre foi frágil.

As duas famílias possuem diferenças não somente no que tange às camadas sociais diferentes das quais pertenciam, mas também quanto à origem e a cultura, uma vez que Eneias e Íris eram de origem grega, enquanto Diodoro e Aurélia eram de tradição romana. Eneias era instruído, de aspecto erudito, conhecedor dos grandes pensadores gregos, enquanto Diodoro, por mais que também fosse letrado, possuía um perfil militar. Eneias tinha consigo, inclusive, um certo desprezo pelos romanos e sua cultura. Ao instruir Lucano sobre os deuses, por exemplo, sempre lhes dava os nomes gregos “e não os nomes toscos que os romanos lhes atribuíam” (CALDWELL, 2022, p. 14). Consideramos importante destacar essas diferenças entre Eneias e Diodoro, uma vez que o primeiro era o pai do evangelista e o segundo, o seu senhor. Portanto, a relação que Lucano tivera com os dois influenciou diretamente na sua formação enquanto adulto.

⁷ Tribunus eram funcionários públicos da Roma antiga. No caso do personagem Prisco, ele era chefe de um grupo de soldados romanos, o que fazia dele um tribuno militar.

Lucano tinha sentimentos conflituosos com Eneias, às vezes sentia como se não gostasse de seu pai. Durante a juventude o considerava um homem pretensioso, mas de pouco conhecimento.

O Deus Desconhecido, para o qual Eneias fazia a costumeira libação com vinho, conforme um hábito grego, era a divindade que sensibilizava Lucano de uma maneira peculiar desde a mais tenra idade. Certa vez, tendo sido flagrado por Diodoro ao observar Rúbia dormindo, Lucano teve um profundo diálogo com o pai da menina sobre suas crenças. Diodoro sabia muito sobre o Deus Desconhecido, o *Adonai* dos judeus, e até já lhe fizera sacrifícios, mesmo tendo ouvido falar que Ele não desejava oferendas. Lucano então disse tudo o que sentia em relação a esse Deus, o que intrigou Diodoro, pois o menino não havia lido ou sido instruído a respeito de tantas coisas, simplesmente afirmava ter as respostas em seu coração (CALDWELL, 2022, p. 31).

Lucano confessa a Diodoro que sabe que um dia encontrará Deus, Senhor de todos os povos, e a Ele dedicará toda a sua vida. Naquele momento em que fora visto observando Rúbia pela janela, estava rezando ao Deus Desconhecido pela saúde da menina enferma. Lucano deixou Diodoro surpreso ao afirmar que Deus fica satisfeito ao ser chamado de Pai e que escuta delicadamente as orações dos homens. Há neste ponto da narrativa um choque de crenças, pois Diodoro acha um absurdo haver um deus delicado e que aceita ser rebaixado a categoria de “pai”, um atributo humano.

Entretanto, ao longo dos primeiros capítulos da narrativa, percebemos que os laços entre Lucano e a família de Diodoro se estreitam. Ao perceber a sabedoria do rapaz e a vontade dele de tornar-se médico, insere Lucano nos estudos junto à sua filha Rúbia, tendo como tutor o escravo Keptah, médico da família. Lucano e Rúbia brincam e estudam enquanto crescem juntos, surgindo entre os dois, tão próximos fisicamente, mas um pouco distantes socialmente, um sentimento para além da amizade.

Algumas características de Lucano são perceptíveis na narrativa desde o início. Trata-se de um jovem sábio, respeitoso, dotado de coragem e obstinação. Eneias observava no filho ainda menino, uma seriedade madura e comentava com sua sábia espisa Íris. Imaginava que Lucano seguisse seus passos, como era de costume que um filho herdasse a profissão do pai, na crença da impossibilidade de que o garoto se tornasse médico um dia. No entanto, Diodoro, seu senhor, achou que isso seria um

desperdício, que Lucano passasse a vida a tratar de assuntos administrativos como Eneias. Como estava interessado pela sabedoria de Lucano, oferecera-se para pagar seus estudos de medicina em Alexandria.

Percebemos que os doze primeiros capítulos mostram o amadurecimento e a formação de Lucano enquanto homem adulto. Era apaixonado por Rúbria, mas a pobre moça, que lhe correspondia os sentimentos, morrera jovem devido à doença que possuía, pouco tempo depois da morte de Eneias. A morte do pai alterou o humor de Lucano, que só parecia bem ao estar perto de Rúbria. Com a morte dela, Lucano fica ainda mais frio e com raiva, revoltando-se com os deuses, especialmente com o Deus Desconhecido. Estava acostumado a ver a morte de perto, de enfermos desconhecidos ou menos próximos, mas sentir a perda de uma pessoa querida era completamente diferente.

Com essas perdas, Lucano passou a considerar Deus como um inimigo da humanidade. Sendo aprendiz na medicina, pretendia derrotar Deus a partir da cura. As pessoas mortas por doenças eram vítimas de Deus e Lucano pretendia salvá-las: “quando Ele decretar morte, eu decretarei vida. Essa será a minha vingança sobre Ele” (CALDWELL, 2022, p. 165).

Outro fator importante sobre a juventude de Lucano é em relação a sua adoção por Diodoro. O tribuno o adotou como filho após a morte de Eneias, o que foi benéfico para Lucano, uma vez que podia, assim, conhecer muitos homens e famílias importantes, por influência do senhor romano.

Após os estudos de medicina e práticas de cirurgia, das quais tivera Keptah como seu mestre, Lucano, já em Alexandria, realiza milagres (CALDWELL, 2022, p. 273). Mesmo tendo sido nomeado médico em Roma, por influência de Diodoro, pretende continuar ajudando os mais pobres e necessitados, sem pagamento, uma vez que sua intenção é cuidar das pessoas sem assistência, inclusive escravos, nas mais longínquas cidades do Mar Mediterrâneo.

Lucano, ao longo de sua vida, conhece muitos homens, soldados, políticos e até mesmo César (CALDWELL, 2022, p. 361). Este lhe questionou a respeito da nomeação em Roma, mas respeitoso e corajoso que era, Lucano foi sincero, respondendo que a vida para ele não teria sentido se não fosse ajudando os mais necessitados. Em relação aos seus sentimentos de pertencimentos, Lucano também passara por conflitos internos.

Nascera em Antioquia, mas esta nunca foi o seu lar. Sentia-se estrangeiro em Roma e também na Grécia, tendo sempre a sensação de ser um estrangeiro em uma terra estranha. Os caminhos são elementos importantes para Lucas, que tratados de maneira abstrata, levam a Cristo, e, ao estudarmos a respeito do autor e de seus escritos anteriormente, identificamos na narrativa de Caldwell que ele percorreu muitos até alcançar o que queria, tanto concreta quanto metaforicamente.

Após muitas viagens por mar e tratando de inúmeros enfermos, Lucano foi para Israel, tendo sido hóspede de Pôncio Pilatos. Lucano tinha um irmão, Prisco, filho de Diodoro e Aurélia, seus pais adotivos, nascido após a morte de Rúbria. Prisco era soldado, como o pai e servia a Pôncio Pilatos. Era jovem e estava com câncer, tendo Lucano ir visitá-lo. Foi nesta visita que ouviu falar de Jesus, pelos lábios de seu próprio irmão:

Começaram a surgir rumores de um rabi estranho, vindo do campo, sem erudição, descido das colinas da Galileia, pertencente a um povo desprezado em Jerusalém, pelos mundanos e pelos cultos. Era homem sem nome de família, sem fortuna. Nada tinha, a não ser a roupa pobre que o cobria e as sandálias de corda que trazia nos pés. Não possui cavalo nem liteira, nem sequer o mais insignificante dos asnos. Ainda assim, quando veio a Jerusalém, foi rodeado pelas multidões, que se moviam para onde Ele se movia, ouvindo-O. Dizia-se que Ele curava os enfermos, levantava do túmulo os mortos [...] Disseram, finalmente e com imensa excitação, que Ele era o Messias (CALDWELL, 2022, p. 566).

Prisco tinha sido um dos soldados que deu as ordens para a execução dos condenados às vésperas da Páscoa, como era de costume. Uma multidão acompanhou a execução e os lamentos das mulheres despertaram a atenção de Prisco. Ele viu então uma mulher que lhe chamou muito a atenção e sentiu uma enorme necessidade de se aproximar dela. Ela era Maria, a mãe do rabi executado, de nome Jesus.

Prisco acreditava que a sua doença e a morte evidente era um castigo de Deus, pelo seu ato, mas Lucano o tranquilizou, pois, sabendo que Jesus era Deus e que estes fatos estavam profetizados desde tempos imemoriais, não havia como ser diferente, pois Jesus morreu para a salvação de todos os homens (CALDWELL, 2022, p. 581).

Os relatos de seu irmão foi um dos que ajudou Lucano a escrever o seu Evangelho da Crucificação. Neste momento do romance, Taylor ressalta as características

peculiares de Lucano: “como grego, era preciso no que escrevia e nada colocaria em seu Evangelho a não ser o que Prisco vira e recordava e o que, através dos olhos do irmão, misteriosamente, ele próprio discernira” CALDWELL, 2022, p. 583). Ele parte para a sua jornada efetiva em busca dos passos de Jesus, conhecendo muitos lugares importantes na trajetória do Messias, até partir para a Nazaré, ao encontro de Maria.

A narrativa termina com a última visita de Lucano à mãe de Jesus, a mais importante fonte de sua longa pesquisa. Através dela, Lucano teve acesso a informações importantes e particulares sobre Cristo, que ninguém mais sabia, afinal, nenhum outro ser humano conhecia melhor Jesus Cristo.

O livro *Médico de Homens e de Almas* de Taylor Caldwell é, desta forma, uma obra que traz um panorama histórico e cultural para seus leitores, não ficando difícil de imaginar um cenário em que São Lucas Evangelista viveu. Entendemos que ter uma noção do contexto histórico em que viveu um determinado autor facilita no processo de interpretação de suas obras, uma vez que a nossa perspectiva atual de mundo interfere bastante naquilo que lemos sobre o passado. Logo, ao compreendermos um pouco sobre a realidade dos locais no tempo em que São Lucas viveu, nos auxilia na tentativa de interpretação de seus escritos, para além de uma perspectiva religiosa, pois estaremos levando em consideração os fatores históricos, que são os elementos essenciais em uma pesquisa como a nossa.

2.3. São Lucas nas artes plásticas (Brasília – DF)

A Catedral Metropolitana de Brasília (Nossa Senhora Aparecida) foi construída pelo arquiteto brasileiro Oscar Ribeiro de Niemeyer Soares (1907-2012) e inaugurada em 1967. O que nos interessa em específico nesta igreja são as quatro estátuas dos evangelistas que se situam ao lado de fora da catedral, que foram esculpidas por Alfredo Ceschiatti e Dante Croce. As estátuas representam os quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João.

Alfredo Ceschiatti nasceu em 1 de setembro de 1918 em Belo Horizonte e faleceu no dia 25 de agosto de 1989 no Rio de Janeiro. Além de escultor era professor e desenhista, descendente de imigrantes italianos. Na década de 1930 conheceu a Itália,

ficando fascinado com as obras dos autores renascentistas. Quando voltou ao Brasil, passou a dedicar-se aos seus estudos artísticos na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro (CARAVELLAS, 2018, p. 54).

Sua relação artística com Oscar Niemeyer precede a construção de Brasília, uma vez que já em 1944, a pedido deste, produziu o baixo relevo da igreja de São Francisco de Assis em Belo Horizonte (CARAVELLAS, 2018, p. 54). Esta obra, *Painéis*, lhe rendeu o prêmio de Viagem ao Exterior no ano de 1945 (SILVA, 2019, p. 22). Com Niemeyer, Ceschiatti fez parcerias para inúmeras obras no decorrer das décadas.

Dentre as obras de destaque de Alfredo Ceschiatti estão: *As Banhistas*, escultura em bronze exposta no espelho d'água do Palácio da Alvorada; *A Contorcionista*, escultura localizada no Teatro Nacional Cláudio Santoro; *As Gêmeas*, escultura em bronze exposta no jardim suspenso do Palácio do Itamaraty; *A Justiça*, escultura de granito situada em frente ao Supremo Tribunal Federal; *Anjos*, feita em bronze e exposta no Salão Verde da Câmara dos Deputados; os *Anjos*, esculturas suspensas no interior da Catedral de Brasília; e, por fim, os *Quatro Evangelistas*, situadas ao lado externo da mesma catedral (CARAVELLAS, 2018, p. 55). Ceschiatti possui obras em outras cidades brasileiras, como em São Paulo e também no exterior, na embaixada brasileira em Moscou (CARAVELLAS, 2018, p. 56).

Ceschiatti preferia temas greco-romanos e judaico-cristãos, abrindo uma exceção para temas cívicos. Trata-se de um escultor com várias obras integradas a espaços urbanos e arquitetônicos (SILVA, 2019, p. 22), como é o caso de seu conjunto de obras em Brasília, onde sua contribuição artística foi bastante expressiva (CARAVELLAS, 2018, p. 57).

Diversos artistas importantes influenciaram Ceschiatti em seu trabalho. Assim, as obras de Quirino Campofiorito, Cândido Portinari, Adriana Janacopulos, Michelangelo Buonarroti, entre outros, em algum momento, possuíram certa conexão com a arte de Ceschiatti. Campofiorito e Portinari, ambos pintores e também descendentes de italianos, influenciaram Ceschiatti através de suas aulas. Campofiorito foi seu professor em 1940 na Escola Nacional de Belas-Artes no Rio de Janeiro (SILVA, 2019, p. 23).

A Catedral de Brasília foi projetada por Oscar Niemeyer e calculada pelo engenheiro Joaquim Cardozo. Oscar Niemeyer e Alfredo Ceschiatti foram amigos por

longos anos, sendo, assim como já mencionamos, parceiros em diversos projetos artísticos. O conjunto de esculturas intitulado *Os Evangelistas* foi integrado à entrada da Catedral quando a igreja ainda estava em construção. Importante mencionar que o próprio Ceschiatti sugeriu a elaboração destas obras. As quatro esculturas são feitas em bronze e possuem três metros de altura cada. Seus nomes de identificação estão registrados na base de sustentação, sendo, respectivamente, São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João (SILVA, 2019, p. 58).

Com um estilo verticalizado, visível pelo alongamento dos corpos, as obras possuem características expressionistas, notadas também pelos dedos das mãos e dos pés e na forma do corpo, tendo, cada uma, entretanto, aspectos próprios que diferenciam cada um dos evangelistas (SILVA, 2019, p. 58).

Sobre a criação das esculturas, Silva (2019) ainda afirma que:

Possivelmente Ceschiatti fez uma pesquisa para compor esse conjunto. Segundo a Revista Veja de 12 de maio de 1976, foi o próprio artista quem sugeriu a confecção dos evangelistas para a entrada da Catedral Metropolitana de Brasília. Segue o trecho: “Finalmente todo o conjunto para a Catedral: quatro evangelistas no exterior e três anjos no teto. Os evangelistas (sugeridos pelo escultor, muito impressionado, na época com o Papa João XXIII) tomaram dois anos de trabalho. Já os anjos tiveram que ser feitos em cinco meses: “havia um congresso eucarístico para inaugurar, ou coisa assim”. (REVISTA VEJA, 12/05/1976, p.106). Tal dado sugere que já havia um projeto de antemão para a composição das obras e como seriam integradas ao espaço (SILVA, 2019, p. 58).

As estátuas estão localizadas na entrada da catedral, de modo que à esquerda do visitante encontram-se Mateus, Marcos e Lucas e à direita, João. Não se sabe ao certo o real motivo, mas há uma tradição eclesiástica que tenta explicar o posicionamento das estátuas, embora não exista nenhuma documentação comprobatória sobre a escolha dos escultores. Assim, segundo tal explicação, São Mateus, São Marcos e São Lucas se encontram de um mesmo lado por serem autores dos Evangelhos Sinóticos, enquanto São João apresenta em seus escritos traços próprios que lhe distingue claramente dos demais, tanto em estrutura, forma e ordem de relatar a vida de Jesus⁸.

⁸ Ver: <https://catedral.org.br/guia/as-estatuas-dos-evangelistas>

Figura 01: As *Estátuas dos Evangelistas* (Alfredo Ceschiatti e Dante Croce). Sem autoria especificada.



Disponível em: <https://catedral.org.br/guia/as-estatuas-dos-evangelistas>

O conjunto de esculturas possui importância não apenas religiosa, mas especialmente artística e cultural para a cidade de Brasília (DF). E, assim como os *Anjos* do interior da catedral, os *Evangelistas* possuem como característica o direcionamento do olhar das esculturas, que de alguma maneira parecem reconhecer a presença do espectador (SILVA, 2019, p. 59). Além disso, cada um dos evangelistas carrega consigo um pergaminho, símbolo de seu ofício como escritores, responsáveis por narrar a vida de Jesus.

Importante observar que cada um dos evangelistas é representado por Ceschiatti com uma expressão facial diferente. Com olhar expressivo, São Lucas parece estar bastante atento a algo que ele vê, o que é sugerido pelo fato de estar franzindo a testa, como um ato de concentração ou de surpresa. O que supostamente ele via? Seria uma testemunha importante? Ou ouvira um fato sobre Jesus que lhe deixou admirado? Reflexões como estas são comuns na arte, uma vez que os artistas possuem suas intenções e cada elemento representado possui um significado.

Figura 02: Rosto de São Lucas Evangelista. Autor: James Marcell. 2008.



Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/jamesmarcell/2629324048>

Figura 03: São Lucas Evangelista. Autor: Cassiano. 2010.



Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/jcassiano/5384478163>

São Lucas segura seu pergaminho com a mão direita enquanto coloca a esquerda sobre o peito. É o único dentre os quatro a estar com um manto sobre a cabeça. Possui

barba, assim como Marcos, diferente de Mateus e João, que estão barbeados. O estilo verticalizado das quatro estátuas harmoniza com as formas modernas da catedral.

Existe a necessidade de realizarmos uma observação minuciosa sobre uma determinada obra de arte, para que possamos notar os seus detalhes e tentar realizar uma interpretação. Para Erwin Panofsky (2017):

A experiência recreativa de uma obra de arte depende, portanto, não apenas da sensibilidade natural e do preparo visual do espectador, mas também de sua bagagem cultural. Não há espectador totalmente “ingênuo”.

[...] O observador “ingênuo” difere do historiador de arte, pois o último está cômico da situação. *Sabe* que sua bagagem cultural, tal como é, não harmoniza com a de outras pessoas de outros países e de outros períodos. Tenta, portanto, ajustar-se, instruindo-se no máximo possível sobre as circunstâncias em que os objetos de seus estudos foram criados. Não apenas coligirá e verificará toda informação fatural existente quanto a meio, condição, idade, autoria, destino etc... mas comparará também a obra com outras de mesma classe, e examinará escritos que reflitam os padrões estéticos de seu país e época, a fim de conseguir uma apreciação mais “objetiva” de sua qualidade” (PANOFSKY, 2017, p. 36).

Voltamos aqui, portanto, à importância da compreensão contextual, em que os aspectos histórico e culturais são elementos essenciais. O estilo das esculturas dos *Quatro Evangelistas* de Ceschiatti harmoniza com o todo o caráter moderno da arquitetura da cidade de Brasília (DF). Ao espectador compete atribuir significado conforme a sua visão de mundo, momento em que relacionará essas obras de arte com outras semelhantes que já tenha visto, sobre o mesmo tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propomos a pesquisar sobre sociedades ou personalidades históricas da Antiguidade, nos deparamos, muitas vezes, com o problema da escassez de fontes. Não é diferente com São Lucas Evangelista, o autor do terceiro evangelho e do *Atos dos Apóstolos*. Tendo isso em mente, optamos por estudar sobre São Lucas a partir da representação literária e artística.

Ao termos acesso aos autores que abordam sobre São Lucas Evangelista, logo as lacunas existentes sobre a sua trajetória começam a ficar evidentes. É aqui que uma análise de como o personagem é representado se torna interessante, como por exemplo, no caso de Taylor Caldwell, que conseguiu ter acesso a muitas fontes sobre o apóstolo, mesmo que grande parte se refira a lendas.

Entretanto, muitos elementos dessas lendas estão presentes na narrativa, provavelmente aqueles que Caldwell considerou mais verossímeis, que fossem, portanto, adequados para uma transformação em enredo. Muitos são os romances escritos desta forma, em uma mistura de ficção e fatos históricos, cuja crítica fica a cargo dos leitores, em saber diferenciar o que pode ter sido encontrado em vestígios históricos e o que foi inventado pelo escritor. No entanto, o mais importante a se observar é o contexto da obra, cuja análise é possível quando os leitores possuem uma noção de como as sociedades funcionavam naquele referido tempo e lugar. Também foi possível confirmar com essa pesquisa que o contexto em que a obra foi produzida também é importante, pois nela o autor insere a sua própria compreensão sobre o mundo. Uma evidência disso é que um personagem, como é São Lucas, jamais é representado de forma idêntica, ele sempre possui características próprias em cada obra em que foi imaginado por um autor diferente.

Estudar sobre São Lucas Evangelista é descobrir como ele já foi imaginado, indo para além de um autor de dois livros bíblicos. Saber um pouco mais a seu respeito nos ajuda, sem dúvidas, a compreender o seu estilo literário e a importância dos seus escritos. O estudo de representações um tanto mais recentes como o livro de Taylor Caldwell e as estátuas de Alfredo Ceschiatti nos ajudam a fazer comparações com representações mais antigas que possamos encontrar futuramente, permitindo

comparações e releituras que são importantes para o desenvolvimento de um olhar mais sensível quanto às formas que personagens históricas são representadas. Neste sentido, às concepções dos autores supracitados juntam-se as nossas concepções, surgindo uma nova interpretação sobre São Lucas. Isto significa que as buscas por pistas sobre o apóstolo continuam, sempre que alguém decidir partir para arquivos e bibliotecas procurando evidências do evangelista., para que seja possível representá-lo em livros, artigos, filmes e outras produções.

Pouco é possível de se descobrir sobre São Lucas através apenas de seus escritos, pois o foco de sua obra é Jesus de Nazaré. Para os leitores de seus livros bíblicos o que torna-se realizável é uma leitura aprimorada em busca de uma minuciosa interpretação e identificação do seu estilo literário, a comparar com os demais evangelhos e com outras obras do mesmo contexto histórico e geográfico. A leitura do terceiro evangelho e de *Atos* pode ser, portanto, o início da busca pelo seu autor, mas não é suficiente para que possamos construir uma concepção de quem São Lucas pode ter sido. Porém, como São Lucas é mencionado em outros livros (*Filemon*, *Colossenses* e *Segunda Epístola a Timóteo*), assim como vimos no primeiro capítulo, sendo referido por Paulo de Tarso, já é possível termos alguns dados sobre o evangelista. Assim, foi possível obter as informações de que ele era um médico sírio, proveniente de Antioquia.

A compreensão sobre São Lucas Evangelista supera os limites do campo religioso, uma vez que o apóstolo não é “apenas” o provável autor de dois livros bíblicos. Trata-se de uma personalidade histórica que supostamente viveu em um período logo após a morte de Jesus Cristo e teve contato com testemunhas que possivelmente encontraram-se pessoalmente com o Messias. O estudo que fizemos trata-se de uma tentativa de historicizar São Lucas, utilizando de fontes que estão acessíveis para nós hoje, obras estas que nos trazem as perspectivas de seus autores, levando em consideração o seu imaginário.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Cláudia. Diferentes métodos para a compreensão do Evangelho de Lucas. **Último Andar**, n. 20, p. 76-90, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/10790> Acesso em: 1 mai. 2023.

ARTUSO, Vicente. O Evangelho de Lucas: introdução teológica na perspectiva da missão. **Revista Contemplação**, n. 6, 2015. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/39>. Acesso em: 1 mai. 2023.

AZEVEDO, Sílvio Murilo. **As fontes canônicas, o Jesus histórico e o Novo Testamento:** uma abordagem sociológica. [s.d.] Disponível em: https://www.academia.edu/33277559/As_Fontes_o_Jesus_historico_e_o_Novo_Testamento_Uma_abordagem_sociologica Acesso em: 29 abr. 2023.

BAILEY, Kenneth. **A poesia e o camponês:** uma análise literária-cultural das parábolas em Lucas. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1985.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.

BIELIŃSKI, Krzysztof. O apelo à conversão no Evangelho de Lucas. In: AMARANTE, Alfonso V.; SACCO, Filomena (orgs.). **Reconciliação sacramental:** moral e prática pastoral. Trad. Luiz Gonzaga Scudeler. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2020, p. 39-62.

BRITO, Antonio Iraildo Alves de; ALMEIDA, Benedito Antônio Bueno de. O caminho dos discípulos de Lucas: caminho de fé e discernimento. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 34, n. 2, 2019, p. 361-380. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1573> Acesso em: 10 jun. 2023.

CALDWELL, Taylor. **Médico de homens e de almas:** a história de São Lucas. Trad. Aydano Arruda. Rio de Janeiro: Editora Record, 2022.

CARAVELLAS, Francisca Maria de Paiva e. **Os artistas colaboradores de Oscar Niemeyer na arquitetura religiosa de Brasília.** Dissertação. Mestrado em Arte, Patrimônio e Teoria do Restauro da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2018.

CARR, David. A narrativa e o mundo real: um argumento a favor da continuidade. In: MALERBA, Jurandir (org.). **História e Narrativa:** a ciência da arte da escrita histórica. Petrópolis: Vozes, 2016.

CASALEGNO, Alberto. **Ler os Atos dos Apóstolos:** estudo da teologia lucana da missão. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CATEDRAL METROPOLITANA DE BRASÍLIA NOSSA SENHORA APARECIDA. **As estátuas dos evangelistas**. Disponível em: <https://catedral.org.br/guia/as-estatuas-dos-evangelistas> Acesso em 18 de out. 2023.

CHEVITARESE, André Leonardo; FUNARI, Pedro Paulo. **Jesus histórico: uma brevíssima introdução**. Rio de Janeiro: Kline, 2012.

CORNELLI, Gabriele. Metodologia e resultados atuais da busca pelo Jesus histórico. In: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs.). **Jesus de Nazaré: uma outra história**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2006, p. 17-25.

CROSSAN, John Dominic. **O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do mediterrâneo**. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. Texto e contexto na metodologia dos estudos sobre o Jesus histórico. In: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs.). **Jesus de Nazaré: uma outra história**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2006, p. 165-192.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. 2023. Encyclopedia Britannica Online. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/biblical-criticism> Acesso em: 05 nov. 2023.

FUNARI, Pedro Paulo. O Jesus histórico e a contribuição da Arqueologia. In: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Monica (orgs.). **Uma outra história: Jesus de Nazaré**. São Paulo: Annablume Editora, 2006.

GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós**. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GEORGE, Augustin. **Leitura do Evangelho segundo Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1982.

KAVANAGH, Patrick. History of Buffalo. **Taylor (Janet) Caldwell**. Disponível em: <https://buffaloah.com/a/forestL/caldwell/> Acesso em: 22 ago. 2023.

KIRKUS. **Dear and Glorious Physician, by Taylor Caldwell**. Disponível em: <https://www.kirkusreviews.com/book-reviews/a/taylor-caldwell-11/dear-and-glorious-physician/> Acesso em: 20 ago. 2023.

KONINGS, Johan. A questão do Jesus "Histórico". **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 1, n. 1, p. 55-58, 1997. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/406> Acesso em 01 mai. 2023.

KUMMEL, Georg. Werner. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas 1982.

LISBOA, Walter Eduardo. A pesquisa do Jesus histórico. **Revista de Cultura Teológica**, n. 34, ano 9, 2001. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/24146> Acesso em 01 mai. 2023.

MARGUERAT, D. (org.) **Novo Testamento: História, Escritura, Teologia**. São Paulo: Loyola, 2009.

MATA, Sérgio da. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MCDOWELL, EDWIN. **Behind the best sellers**: Taylor Caldwell. In: THE NEW YORK TIMES, 11 jan. 1981. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1981/01/11/books/behind-the-best-sellers-taylor-caldwell.html> Acesso em: 20 ago. 2023.

MOREIRA, Gilvander. **Lucas e Atos: uma teologia da história – Teologia Lucana**. Editora Paulinas, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Y-JDDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=lucano+lucas&ots=hHqABmNyGQ&sig=Kw6KoQ7myjYfqRx1OVHmebz0hW0#v=onepage&q&f=false>

MORRIS, Leon L. **Lucas**. Introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa; COSTA, Paula Pinto. **A Visibilidade do Sagrado: Relíquias Cristãs na Idade Média**. Curitiba: Editora Appris, 2021.

PALÁCIO, C. O. "Jesus Histórico" e a Cristologia Sistemática. **Perspectiva Teológica**, v. 16, n. 40, p. 353, 1984. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1947>. Acesso em: 1 maio. 2023.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SILVA, João Balbino. **Alfredo Ceschiatti na Catedral Metropolitana de Brasília: o valor da forma**. Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

SILVEIRA, Leonardo dos Santos. **A glória de Jesus e sua contribuição para a formação da cristologia lucana**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2022. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=qp9TEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT120&dq=cristologia+lucana&ots=ewhNr2MpHP&sig=JuMipZCYrjPskZEAnZorc1KnvIY#v=onepage&q=cristologia%20lucana&f=false>

STRONG, James. **Greek Dictionary of the New Testament**. Albany: Books for the Ages, 1997.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo**. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009.

THURSTON, Hebert J.; ATTWATER Donald (orgs.). **Vida dos Santos de Butler**. Trad. Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1992.

TORQUATO, Nilton Maurício Martins; RAMOS, Rodrigo Domingues Santos. O cânon bíblico na época da patrística. **Revista Teologia, Sociedade & Espiritualidade**, v. 1, 2020. Disponível: <http://teologiaesociedade.faculdadebetania.com.br/revista/numero-9-vol-1-curitiba-pr-outubro-2020/> Acesso em: 15 set. 2023.

WITHERINGTON III, Ben. **História e histórias do Novo Testamento**. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2005.

ZUURMOND, Rochus. **Procurais o Jesus histórico?** São Paulo: Loyola, 1998.